



CULTURA DOS OXIRÁS – UM HISTÓRICO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Carlos Roberto Carneiro de Oliveira¹
Fábio Henrique Bueno Laroca²
Marcos Vinicius Barszcz³

RESUMO: *O presente estudo visa fazer um levantamento histórico acerca da intolerância religiosa perante as religiões de matriz africana para gerar reflexões sobre as consequências deste fenômeno. Através do levantamento bibliográfico encontrou-se fatos que denotam uma luta de poder com crescimento das religiões cristãs em detrimento das de raízes africanas.*

Palavras-chave: Histórico. Religiões. Intolerância.

Introdução

A religião está frequentemente presente na vida da grande maioria das pessoas, e para melhor compreensão, Silva (2004, p. 4) apresenta a definição de religião, como sendo “um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”. Assim sendo, as religiões de matrizes africanas, como exemplo o Candomblé e a Umbanda, são as vertentes que cultuam os orixás, ou seja, cultuam divindades “yorúbanas” (ALMEIDA, 1992).

No entanto, mesmo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos 1948, e Constituição Federal de 1988, que visam assegurar a liberdade religiosa, estas nem sempre são respeitadas, pois o Relatório de Intolerância e Violência Inter-religioso compilado no ano de 2015, aponta paradiversas formas de violência, que em sua maioria são direcionadas às religiões de matriz africana.

Desta forma, justifica-se esse levantamento para posteriores contribuições no meio acadêmico, colaborando, assim para a reflexão sobre a necessidade do respeito aos direitos humanos em especial à liberdade religiosa.

Objetivos

Assim, a proposta deste artigo é fazer o levantamento de fatos históricos até a atualidade sobre situações que denotam o fenômeno da intolerância religiosa, especialmente contra as de religiões de raízes africanas, para responder a pergunta, “dentro do contexto sócio histórico brasileiro as religiões dos orixás vêm sendo alvo de preconceito?”. Assim sendo, os objetivos específicos consistem em: levantar fatos históricos que confirmem ou refutem a existência de preconceito, e apontar possíveis consequências deste fenômeno.

Metodologia

¹ Psicologia, Graduando, IESSA, krbetinho11@hotmail.com

² Psicologia, Graduando, IESSA, fhblaroca@gmail.com

³ Psicologia, Professor Mestrando, IESSA, marcosviniciuspsicologo@yahoo.com.br

A pesquisa é de caráter bibliográfico, o qual, segundo Gil (2002) é embasado em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A abordagem se classifica como qualitativa, pois segundo Kauark (2010, p. 26) “é utilizada a subjetividade que não pode ser traduzida em números, ocorrendo a interpretação de fenômenos juntamente com um processo descritivo com foco no processo e seus significados”. A pesquisa é de cunho exploratório e “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema[...]. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. (GIL, 2002, p.41).

Resultados parciais e discussão

O meio científico nas mais diversas áreas de pesquisa defende que religião é um fenômeno histórico, nascente em circunstâncias intelectuais e culturais particulares. O fenômeno religioso especificamente definido para estudos de caráter científico e acadêmico pode ser definido como “um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos” (SILVA, 2004).

Do mesmo modo, as religiões de matriz africana caracterizam-se como aquelas oriundas de diversos povos da África, que cultuavam os orixás, ou seja, entidades iorubanas, em sua maioria composta por antepassados, que tinham domínios sobre fenômenos da natureza além da intermediação entre as pessoas e o Deus Supremo Olorum. (LAGES, 2003; ZACHARIAS, 1998; ALMEIDA, 1992).

Mais especificamente, as religiões Afro-Brasileiras configuram-se como aquelas que, originam-se dos povos iorubas e Sudaneses que foram trazidos como escravos. O processo de escravidão possibilitou a mistura de aspectos culturais de várias etnias, aproximando assim, grupos culturais diferentes, o que resultou na formação do Candomblé Afro-Brasileiro e da Umbanda depois da abolição da escravidão e posteriormente durante o processo de urbanização e industrialização (ZACHARIAS, 1998).

Atualmente, de acordo com o último Censo feito pelo IBGE em 2010, estima-se que cerca de 92% da população brasileira segue ou acredita em alguma religião, e aproximadamente 0,3% da população faz parte de religiões de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda.

No entanto, apesar de toda essa influência cultural por parte dos africanos na cultura brasileira, com o artigo II e artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) do ano de 1948, e o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, que visam assegurar liberdade religiosa, ainda existe o preconceito, em especial contra as suas religiões (HIEDA, 2011).

Esse preconceito é, na maioria das vezes, fomentado por outras religiões como por exemplo a religião católica que em 1680 faz referência à respeito da “religião dos negros”, oriunda do Santo Ofício da Inquisição que já acusava um grupo de negros de práticas supersticiosas liderados por uma preta mestra (ZACHARIAS, 1998, p.21). Ainda nesse processo de repressão, após mais de 270 anos, a instituição católica posicionou-se fortemente contrária aos cultos afro-brasileiros após a maior sistematização dos mesmos, resultando na criação Campanha Nacional Contra a Heresia Espírita (ZACHARIAS, 1998, p.57).

Além desse forte cerco por parte da igreja católica, Zacharias (1998, p.57-62) cita posicionamentos contrários as religiões Afro-Brasileiras por parte das igrejas Evangélica Luterana, fundamentalistas de origem Norte Americana, pentecostais, protestante fundamentalista.

Recentemente a igreja que mais tem atacado as religiões de matriz africana, em especial a Umbanda, é a Neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo Bispo Edir Macedo, que em um livro publicado no ano de 1990, intitulado “ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS: Deuses ou Demônios?” “faz uma análise preconceituosa, distorcida e ofensiva sobre a Umbanda e suas entidades” (HIEDA, 2011, p.2).

Essas atitudes por parte dos líderes acabam incitando seus seguidores à ações de intolerância perante aqueles que não partilham da mesma religião, como é caso que chocou o país em 2015, que foi o apedrejamento da jovem de 11 anos, agredida na saída do culto religioso que participava (GLOBO, 2015).

Este é apenas um exemplo das muitas situações que acontecem que podem ser consideradas preconceito e intolerância religiosa, pois segundo o Relatório de Intolerância e Violência Religiosa, RIVIR (2015) as formas de violência, simbólica ou literal e preconceito contra as religiões de raízes africanas ultrapassa a metade dos casos de violência inter-religiosos contabilizados no país.

Considerações finais

Através das fontes consultadas percebe-se que as religiões com raízes africanas sempre foram e continuam sendo, desde a vinda dos escravos africanos, alvo de preconceitos em especial por parte de outras religiões. Somente variando ao decorrer do tempo a forma e a corrente religiosa que hostiliza as religiões que cultuam os orixás.

A contribuição deste trabalho é para uma maior compreensão a respeito dos obstáculos enfrentados pelos seguidores tanto do Candomblé quanto da Umbanda, no decorrer do tempo desde que surgiram no contexto nacional, comprovando assim, que ainda existe muito a ser trabalhado para que o direito e a liberdade de expressão religiosa sejam realmente respeitados mesmo após 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Esse fato comprova-se pelos atos de intolerância inter-religiosos apresentados no decorrer do trabalho e pela contraditória baixa porcentagem de praticantes das religiões de matriz africanas, levando em consideração a forte influência cultural brasileira por meio da cultura africana.

Para uma melhor compreensão do fenômeno do preconceito inter-religioso faz-se necessário um maior aprofundamento a respeito dos mecanismos tanto sociais quanto psíquicos envolvidos nesse processo. Para posteriormente pensar-se em estratégias para diminuir os atos de intolerância, independente da vertente religiosa praticada.

Referências

CASAGRANDE; R. C. **Epistemologia da pesquisa sobre atendimento educacional especializado: Perspectiva técnica, teórica e crítica**. Ponta Grossa: Novas Edições Acadêmicas, 2011.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. p. 1-215

GLOBO. **Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada**. G1. Globo, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo:Atlas, 2002.

HIEDA, M. F.; ALVES, A. A. Intolerância Religiosa a Umbanda: a perseguição da igreja universal de Deus aos Umbandistas. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.

JARDIM, T. **Umbanda: História, cultura e resistência**– Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

LAGES, S. R. **.Exu - Lux e Sombras. Uma análise psíquica-junguiana da linha de Exu na Umbanda**. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/img/2014/09/DUDH>. Acesso em 18 de setembro de 2018.

KAUARK, F.S.; MANHÃES, F.C.; MEDEIROS, C.H. **Métodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

RIVIR - **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015): resultados preliminares** / Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; organização, Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. – Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016. 146 p.

SILVA, E. M. **Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania**. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf. Acesso em 02 de setembro de 2018

ZACHARIAS, J. J. de M. **Ori Axé, a dimensão arquetípica dos orixás**. São Paulo: Vetor, 1998.